

Os Professores e os Dias que (não) Passam na Escola

Narrativas para uma reinvenção de dias mais claros



Ana Luísa Melo

Ficha técnica

Título: Os Professores e os Dias que (não) Passam na Escola - Narrativas para uma reinvenção de dias mais claros

Autor: Ana Luísa Melo

Pretexto: José Matias Alves

Paginação: Francisco Martins

Coleção: LIA_Ligar Inteligências em Ação

Local de edição: Porto

Data: maio 2019

Editor: Faculdade de Educação e Psicologia

ISBN: 978-989-54364-3-9

Índice

OS 10 C DO DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL DOS PROFESSORES - Notas para um programa de ação	5
Ser professor fora da sala de aula	12
Quase seis anos	12
Logro	14
À aventura	15
O último dia de aulas	16
Na angústia	18
Ir	19
Em falta	21
Dos ciclos da escola e da natureza	23
Os alunos da noite	24
A vocação dos professores ou a construção do sentido	26
Chegar	28
Retrato	29
Revelação	31
Fora do Currículo	33
“Não lugar”	35
Recomeça, se pudeses*	36
Sê	38
À noite	40
Balanço	42
Fim de férias	43
Da magia	44
Abraço	46
Do Dever	48
A percepção	50
Os músicos	51
Ser professor dentro da sala de aula	53
Do poder pedagógico	53
Perguntar	55
Livre versus Escravo	57
Do sorriso	58
Primavera	59

Na primeira pessoa.....	61
A Paz.....	62
Os clássicos	63
Do saber	64
À procura	65
Avaliar	67
Os Seus.....	69
Ser professor entre os pares	70
Por Aristóteles	70
Da obrigação.....	71
A obrigação do abandono.....	72
O “pensar” dos professores	74
Respirar.....	75
Sem sentido	76
Horário de verão.....	78
Partir	80
(Re)encontro	81
O presente	83
Busca	84
A nós, a todos nós	85
Roubaram-nos	87
No museu.....	89
Os Amigos dos professores	91

OS 10 C DO DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL DOS PROFESSORES - Notas para um programa de ação

José Matias Alves

jalves@porto.ucp.pt

(Centro de Estudos para o Desenvolvimento Humano)

Começo este (pre-texto) com uma prece, algumas memórias, uma sistematização dos possíveis ingredientes para o desenvolvimento profissional dos professores e uma dedicatória aos textos que Ana Luísa foi escrevendo. São quatro andamentos que querem merecer os textos que, de algum modo, apresentam. A prece foi tecida no tempo em que regularmente escrevia no *Correio da Educação*, um periódico semanal que marcou durante vários anos alguns milhares de professores. Retomo-a agora com ligeiras alterações. Dirige-se à divindade que existe dentro do humano. À nossa consciência, à nossa compassividade, ao nosso compromisso radical na relação com o outro. E diz assim:

1º andamento

Senhor, dai-nos a luz que ilumine a memória para melhor acendermos o presente. Dai-nos a humildade de reconhecermos os limites e os erros. A lucidez para não confundirmos os meios com os fins, o acessório com o essencial.

Dai-nos alento para ousarmos sair dos círculos viciosos das aparências e do faz-de-conta, a inteligência e a disponibilidade para escutar e para agir.

Dai-nos a determinação para resgatar as nossas crianças e adolescentes do peso da alienação, para “atenuar as consequências vitalícias do veredicto escolar” que arruína a vida de muitos jovens; dai-nos a coragem de multiplicar as oportunidades de sucesso, combatendo a “visão monista da inteligência”, a hierarquia escolar e a insularização dos saberes.

Dai-nos a ousadia para instaurar “novas formas de competição entre as comunidades escolares associando professores e alunos em projetos comuns de modo a suscitar a emulação e, através dela, uma incitação ao esforço, à disciplina produtiva” e à democratização do sucesso; dai-nos o crivo que separa o trigo do joio e a luz que ilumine e reconheça o esforço, a dedicação e a entrega de todos aqueles que amam e educam as nossas crianças.

Dai-nos a coragem para seguir uma linha de rumo que favoreça a construção de uma escola mais feliz e fraterna, mais solidária e mais livre e que não se deixe aprisionar pelo íman dos interesses, pela conspiração dos silêncios, pelo jogo das manipulações e pelos consensos fáceis e estéreis.

Dai-nos o alento para “romper com a rotina”, para “reduzir o fosso entre o fim da escolaridade e a entrada na vida activa”, para destruir o modo perverso do (não) ingresso no ensino superior, que aniquila tantas expectativas e esperanças legítimas.

Dai-nos um poder que esteja ao serviço da realização das pessoas, a confiança na liberdade da ação dos homens e das mulheres livres e responsáveis e a valorização do que é diferente de nós porque é um dos sinais vitais da vida comum.

Libertai-nos da tentação da uniformidade, do peso regulamentador das normas, do excesso de disciplina, da atração do domínio, do reinado do triunfo e da arrogância da *doxa*. E livrai-nos também dos discursos “cheios de boas intenções”, que gerem as (des)ilusões pedagógicas.

Senhor, dai-nos a força, o ânimo e a sabedoria para descobrir os “responsáveis capazes de mobilizar as imensas reservas de inteligência, de imaginação e de dedicação ainda mal utilizadas”, para “vencer as incontáveis resistências” contra uma escola mais justa, mais solidária e para “desmascarar as astúcias do formalismo igualitarista”.

Dai-nos, enfim, a capacidade de indignação e de revolta e o desassossego radical face à injustiça, à exclusão educativa e à precariedade dos vínculos sociais. E não nos deixeis cair na tentação do rebanho, na mediocridade da indiferença e na ilusão das aparências. Ámen. ¹

2º andamento

Esta prece contém um implícito estrutural: o ofício de professor é muito difícil, por vezes penoso e esgotante, e que só exercido com paixão e convicção pode ser realmente exaltante e eficaz. Os professores de todos os níveis de ensino só podem escapar ao desastre pessoal, sociológico e técnico se puderem romper periodicamente com a rotina escolar, saindo do mundo da escola para fazer estágios em laboratórios, cursos breves nas universidades, empresas, contextos sociais diversos. Ou para retomar a sua formação, quer através de um trabalho pessoal, quer seguindo cursos, aproveitando os anos sabáticos (que lamentavelmente foram praticamente arredados da profissão). Por outro lado, seria certamente necessário proporcionar aos professores mais idosos que o desejassem a possibilidade de acabar a sua carreira em funções de administração, tarefas de enquadramento cultural menos pesadas e intensamente exigentes (como as atividades de tutor ou de animador itinerante), segundo as suas preferências e aptidões.

¹ As passagens assinaladas com aspas pertencem a Pierre Bourdieu, Collège de France (1987), in *Proposições para o ensino do futuro*. Este texto foi inicialmente publicado no *Correio da Educação* e retomado no livro *Primeiro de Todos os Ofícios* [José Matias Alves (2000). Porto: Edições ASA

Por último, uma sólida competência específica, tanto no que respeita à matéria ensinada como à maneira de a ensinar, constitui sem dúvida a melhor, se não única, garantia da autonomia da escola e da independência dos professores em relação a todos os grupos de pressão.

Como já escrevi, nós, professores, podemos ser o sal da terra, a luz do mundo, a esperança da humanidade. Poderemos ser o sal da terra se continuarmos a estudar, se continuarmos a aprender, se continuarmos a difundir junto das novas gerações o conhecimento gerado ao longo dos séculos. Poderemos ser a luz do mundo se guiarmos com lucidez e afeto, se estivermos próximos, se mostrarmos o erro e ensinarmos os caminhos alternativos que aproximam da verdade. Poderemos ser a esperança da humanidade se soubermos mostrar que o conhecimento tem de ser sensível e situado, tem de servir para aumentar a dignidade, a liberdade e a fraternidade universal.

Nós, professores, poderemos ser tudo isto. Mas também poderemos ser simples funcionários, reféns complacentes (ou inconscientes) de um sistema que destrói talentos, rasura a diversidade, pratica uma tenaz “indiferença às diferenças”. Também poderemos ser indignos de um mandato de “salvação universal e pessoal”. Poderemos ser. Quando destruímos a autoestima. Quando riscamos todo o esforço de construção e não nos dignamos explicar porquê. Quando tratamos todos “como se fossem um só” e destruímos traços identitários de promessa e revelação. Quando não lemos, não estudamos, não aprendemos. Quando seguimos a “tentação do rebanho” de cumprir o programa e dar a matéria, sem cuidarmos das aprendizagens laboriosas de todos.

Nós, professores, precisamos de uma política nacional, local e organizacional que nos alente e estimule. Que nos apoie quando queremos ser sal da terra, luz do mundo e esperança da humanidade. E de uma exigência que não nos permita a mediocridade e a indiferença.

Deste modo, podemos moldar o destino, inscrevê-lo na nossa vontade, deixar marcas indelévels nos modos de ver, ler e sentir o mundo! Estas são algumas das razões da imortalidade do professor. Da sua quase intemporalidade! Da sua quase divindade criadora! Motivos maiores de gratificação e de realização profissional! Morar no olhar dos nossos alunos! Ser nessa promessa de fazer os outros mais autónomos através do conhecimento e da determinação de uma contínua aprendizagem! De fazer os outros mais livres! Na dádiva e na exigência! Eis todo um programa de ação e reinvenção no modo de ser professor. Todos os membros da comunidade de autores, de criadores de novos mundos estão de parabéns porque não

desistiram de “inventar dias mais claros”. De transformar as escolas em lugares mais exigentes e por isso mais habitáveis. ²

3º andamento

Enuncio, seguidamente, o que poderão ser os 10 C do desenvolvimento profissional docente.

1. Conhecimento. Um professor só pode ser professor se possuir um conhecimento científico e pedagógico atualizado, sensível, teórico e concreto, situado, próximo. Mobilizável para uma ação múltipla do fazer aprender. O conhecimento (os conhecimentos) são a base central do poder de vincular, de empoderar, de emancipar, libertar [também pode ser servir para oprimir, escravizar, explorar, desumanizar, destruir... mas estes são os poderes demoníacos que o professor tem de dispensar]. A necessidade de promover o acesso, o uso, o usufruto dos conhecimentos é uma marca essencial de uma política de regeneração a ação docente. Dos conhecimentos: o saber, o saber fazer, o saber ser, o saber conviver, o saber crescer.

2. Compromisso. Ser professor implica a assunção de um compromisso Individual, organizacional e institucional, multi-institucional. Em relação às aprendizagens de todos os alunos. Em relação à implicação pessoal e profissional na renovação das práticas pedagógicas. Em relação à participação ativa nas novas formas de regulação nacional e local das práticas educativas.

3. Compreensão. Ser professor é compreender os outros [os seus pares, e também os seus alunos] para os conhecer, os reconhecer. Porque só esta compreensão permite a passagem da ação solitária (e sofredora) para uma ação solidária, um trabalho mais colaborativo e eficaz. Por isso, os tempos de escola têm de ser tempos de encontro, de estudo e de densa interação profissional.

4. Convocatória. Ser professor é aceitar o *Con vocare*, o chamamento das pessoas, dos cidadãos para serem partes de um todo orgânico. Para terem vez e voz. Para poderem agir e interagir. Para serem autores. Decisores. Um professor tem, necessariamente, de ser parte ativa de uma comunidade profissional de aprendizagem, tem de *querer ser* criador e autor de oportunidades de aprender e fazer aprender.

² Algumas destas sequências textuais foram publicadas no *Correio da Educação*.

5. Comunidade. Um professor não pode existir sozinho. Para ser parte (e construtor) de uma comunidade educativa tem de descobrir o que pode ser comum. Gerando interações, aprendizagens, identidades. Para incluir. Porque só assim, neste esforço sistemático e contínuo podemos evoluir para uma *comunidade educativa*.

6. Centro(s). O professor é a pedra angular do desenvolvimento dos alunos, é a variável chave que abre as portas da aprendizagem. Está, pois, no centro da ativação das possibilidades de aprendizagem. Diz-se, frequentemente, que os alunos são o centro da escola, que as suas aprendizagens são o foco essencial da ação pedagógica e organizacional. E pode ser verdade. Sem alunos não há escola. Mas, geralmente, é o professor, integrado em equipas educativas, que ativa estas possibilidades, que torna as aprendizagens possibilidades reais. E fazem o aluno existir como aprendiz.

7. Cativar. Ser professor é saber cativar. Criar uma relação pedagógica fundada nos princípios da fascinação, expectativa, respeito, encorajamento, compreensão, confiança, confrontação, diálogo, exigência (Pedro da Cunha). Criar laços para que possa haver sintonias. Para evitar a solidão ontológica e existencial, a fragmentação e balcanização em que as escolas muitas vezes se transformam. Vivemos muitas vezes em ilhas organizacionais. E precisamos de construir pontes e arquipélagos onde as semelhanças e as diferenças possam coexistir e comunicar. Onde os conhecimentos se articulem e coabitem.

8. Conetar. As escolas são “sistemas debilmente articulados”. Mundos de desconexão de matérias, conhecimentos, espaços, tempos, pessoas. Vivemos num mundo paradoxal de desconetividade. Estamos ligados (virtualmente), mas estamos, muitas vezes, sós. Precisamos de interagir para ligar, articular, integrar. O dentro e o fora. Conhecimentos, saberes, pessoas, lugares. De construir uma pedagogia da confiança e da compaixão. Da proximidade.

9. Confiança. Ser professor é confiar. Confiar na perfeitibilidade do ser humano. Acreditar que todos podem aprender. Agir para descobrir o que nos pode unir. Para combater os medos. Conhecer e reconhecer. Escuta, respeito. Serviço. Só confiamos se conhecermos os outros. As suas intenções e ações. Para os conhecermos precisamos de ativar o encontro e a interação.

10. Contrato. Precisamos de uma nova forma de governação. Uma governação que implique os professores na participação e na deliberação das *coisas* que lhes dizem respeito. Precisamos de uma nova prática de democracia. Se o poder reside nas pessoas, as pessoas têm

de ser chamadas a participar e a deliberar. Os professores têm de ver que há alternativas virtuosas à aceitação de um regime de conformidade, obediência e vassalagem.

4º andamento

Ser professor, ser autor, ser criador dos dias que passam. Este livro da Ana Luísa Melo nasceu de um desafio que lhe fiz, alimentado por memórias do tempo em que trabalhou comigo enquanto aluna na Faculdade de Educação e Psicologia (FEP) e enquanto colega que ajudou a formar professores do Centro Regional do Porto da Universidade Católica Portuguesa.

Os textos que aqui se apresentam foram sendo publicados na página do Facebook da FEP e ganham, agora, uma outra densidade, coerência e significado. Não pretendo fazer uma apresentação canónica destes textos luminosos [aliás eles já se deixam ler nos andamentos que acabo de enunciar]. Mas permita-me a autora e os leitores um registo breve em 7 pontos:

i) respiração. São textos que evidenciam o *respirar* de uma profissional da educação. Que oxigenam a ação docente. Que iluminam os paradoxos e as sombras. Que revelam os vários lados de uma profissão apaixonante. *Leves, breves, suaves* para nos resgatarem do peso dos dias que (não) passam nas escolas.

ii) atenção, escuta. São textos atentos aos pormenores dos dias (e das noites). Que se escrevem para conhecer (melhor) os labirintos dos vários mundos que constituem a escola. São textos que alentam e despertam. Que iluminam o olhar, ativam os sentidos. Para que possam ser sementes de uma metamorfose profissional e organizacional que os professores têm urgentemente de sentir (e aceitar) se quiserem viver uma vida profissional decente e digna.

iii) fascinação. Há, nos interstícios de quase todos os textos, uma fascinação pelo que é humano, seja no registo da relação pedagógica com os alunos (muito presentes nestas narrativas comoventes), seja no registo da relação com os pares professores. É o fascínio do encontro num mundo escolar frequentemente partido e perdido nas brumas da insensibilidade burocrática e do sem sentido da ação. E, por isso, estes textos são um signo e um sinal da esperança na nossa condição autoral.

iv) sentido. São textos que se escrevem como uma prática de gnose, de compreensão das alegrias e das tristezas da nossa profissão. Que procuram o *fio de Ariane* que nos pode resgatar dos absurdos, dos desalentos e esgotamentos de diferente natureza. Porque nós não podemos viver sem um fio de esperança, uma luz que nos ilumine e aqueça, sem o conforto de um sentido que nos redima da opressão e das várias prisões que nos privam da liberdade de ser e de existir.

v) desafio. Nós não estamos condenados a viver na escuridão profissional. Não estamos privados de pensar e de sentir e de nos afirmarmos na procura de horizontes que desafiem,

interpelem, provoquem os nossos alunos. Nós podemos existir para além dos círculos viciosos da conformidade, da burocracia, da menoridade intelectual.

vi) viagem. A Ana Luísa é uma apaixonada das viagens. Do partir, do ir, do chegar, do reencontro. Viajar é procurar o outro, a diferença, a beleza, o encantamento da descoberta. Mas as viagens têm múltiplas expressões. Podemos viajar no interior do nosso pensar e sentir, no interior das nossas turmas e escolas. Ir para longe ou para perto. Dentro e fora é sempre motivo de encontro e descoberta.

vii) pensar e sentir. Fernando Pessoa escreveu um dia 3 versos antológicos: *Tenho ideias e razões / sei a cor dos argumentos / e nunca chego aos corações*. Estes textos são a evidência de que é possível pensar e chegar aos corações. E é disso que precisamos: de argumentar, de mostrar, de fazer ver absurdos e possibilidades, de cativar, de sensibilizar, de enunciar os imperativos de um compromisso profissional que não pode deixar de ser convocado e exigido. Porque nós podemos ser a *pedra piramidal*. *O Sal da terra*. *A Luz da humanidade*. *A promessa de dias mais claros e felizes*.

E é esta a mensagem maior desta escrita que tive o prazer de provocar e de fruir. Também por isso é devida uma palavra final de gratidão.